

JORNAL, O

Jornal carioca diário fundado em 17 de julho de 1919 por Renato de Toledo Lopes. Cinco anos após sua fundação, foi adquirido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, tornando-se o primeiro elo e o órgão líder da cadeia dos Diários Associados. Foi extinto em abril de 1974.

NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Anteriormente vinculado à política, na época da fundação de *O Jornal* Toledo Lopes era diretor da edição vespertina do *Jornal do Comércio*. Em função de uma desavença com a direção geral desse órgão, demitiu-se para fundar uma folha própria, cujo título constituía já uma provocação: o *Jornal do Comércio* era também conhecido como “o jornal”.

O Jornal pretendia marcar sua atuação pela “independência e austeridade”, dedicando-se a assuntos literários e científicos. Para compor sua redação foi reunido um grupo em sua maioria estranho à imprensa, do qual faziam parte Arrojado Lisboa, engenheiro e diretor da Central do Brasil, João Lopes, ex-presidente da Câmara dos Deputados, Bertino de Miranda, Alceu Amoroso Lima, Manuel Amoroso Costa, Vladimir Bernardes, Belarmino Austregésilo de Ataíde e Vitorino de Oliveira. Desse grupo, apenas Vitorino de Oliveira era jornalista profissional.

O novo periódico permaneceu nas mãos de Toledo Lopes até 2 de outubro de 1924, quando foi vendido a Assis Chateaubriand. Durante esse período inicial, assumiu quase sempre o que Austregésilo de Ataíde chama de “posições moderadas e oficiais”. O caráter situacionista do jornal não o impediu contudo de apoiar em 1922 a Reação Republicana, movimento liderado por grupos oligárquicos dissidentes, tendo à frente Nilo Peçanha, que combatia a candidatura oficial de Artur Bernardes à sucessão de Epitácio Pessoa na presidência da República.

Do momento em que *O Jornal* passou às mãos de seu novo proprietário, foi iniciada uma campanha contra o governo de Artur Bernardes, considerado de cunho nacionalista. Tendo já uma visão econômica definida, o periódico defendia o favorecimento do capital estrangeiro e, em escala mais ampla, o antinacionalismo. De modo geral, todos os

movimentos contra o governo eram apoiados por Chateaubriand. Data desse momento a intensa campanha movida contra *O Jornal* pelo periódico governista *O Mundo*, de propriedade de Geraldo Rocha.

O oposicionismo de *O Jornal* fê-lo aproximar-se do movimento tenentista, principal foco de oposição à estrutura política da Primeira República. Mesmo após as revoltas abortadas de 1922 e 1924, os “tenentes” prosseguiram em sua luta pela “regeneração nacional” e pela “modernização”. No final do governo de Washington Luís, a posição de *O Jornal* levou-o a apoiar com entusiasmo a articulação dos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba visando à formação da Aliança Liberal.

Apoiando a candidatura aliancista de Getúlio Vargas à presidência da República, *O Jornal* — segundo Austregésilo de Ataíde — teve sua sede várias vezes visitada por este, que conspirava com Chateaubriand contra Washington Luís. O periódico deu grande destaque à Revolta de Princesa, deflagrada na Paraíba em fevereiro de 1930 contra o presidente estadual João Pessoa, candidato à vice-presidência da República na chapa de Getúlio. No mês de julho, o jornal acusou formalmente o governo federal de responsável pelo assassinato de João Pessoa. Finalmente, no mês de outubro, *O Jornal* deu total apoio à Revolução de 1930.

DE 1930 A 1974

Pouco tempo depois da instalação do governo provisório de Getúlio Vargas, contudo, começaram a surgir divergências entre *O Jornal* e a situação. Chateaubriand, ligado ao grupo integrado por Lindolfo Collor, Batista Luzardo e Raul Pilla, clamava pela rápida reconstitucionalização do país, temendo o estabelecimento de um governo ditatorial. *O Jornal* apoiou assim a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932. Essa atitude resultou — por instigação de João Alberto Lins de Barros — no confisco da sede e da maquinaria do periódico e no exílio de Chateaubriand. Na sede de *O Jornal* passou a ser impressa uma folha governista, intitulada *A Nação*.

Em fins de 1933, de volta ao Brasil, Chateaubriand conseguiu reaver seu jornal e passou a direção geral a seu sogro, Zózimo Barroso do Amaral. Segundo Austregésilo de Ataíde, Zózimo B. do Amaral era governista, e sua presença à frente de *O Jornal* representou uma tentativa de reconciliação de Chateaubriand com Vargas. A partir desse momento, a

oposição do jornal ao governo tornou-se mais moderada. Para o arrefecimento da oposição de *O Jornal* a Vargas contribuiu também o andamento dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, instalada em novembro de 1933. Chateaubriand aproximou-se então da ala mais conservadora da política getulista, estabelecendo contato com os irmãos Virgílio e Afonso Arinos de Melo Franco, entre outros. O compromisso com a facção conservadora do governo fez com que *O Jornal* desencadeasse violenta campanha contra a Aliança Nacional Libertadora e seu líder Luís Carlos Prestes, e contra a Revolta Comunista de 1935. O periódico mostrou-se por outro lado favorável às reivindicações integralistas.

Quando da abertura da questão sucessória ao final do mandato constitucional de Getúlio Vargas, *O Jornal* apoiou a candidatura oposicionista de Armando de Sales Oliveira à presidência da República nas eleições previstas para 1938, opondo-se ao candidato oficial José Américo de Almeida.

Após o golpe de 10 de novembro de 1937, que instaurou o Estado Novo, *O Jornal* passou a sofrer rigoroso controle por parte do governo, sendo forçado a apoiar Vargas para sobreviver. Segundo o próprio Assis Chateaubriand, “era necessário atravessar um túnel, na esperança de que o futuro abrisse perspectivas para a restauração de um regime democrático”.

Com o fim do Estado Novo e o início da redemocratização, *O Jornal* apoiou a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República, lançada pela União Democrática Nacional (UDN). Não obstante, o periódico deu apoio às principais medidas do governo do general Eurico Dutra, candidato vitorioso do Partido Social Democrático (PSD).

No momento da sucessão de Dutra (1950), considerando que a situação se havia alterado e que Eduardo Gomes não teria mais uma vez condições de se eleger presidente, *O Jornal* deu discreto apoio à candidatura de Getúlio Vargas. Segundo depoimento de Austregésilo de Ataíde, na época redator-chefe do jornal, teria sido o próprio Chateaubriand o promotor da candidatura Vargas, ao enviar à estância gaúcha onde este se encontrava o jornalista Samuel Wainer com a missão de obter uma série de entrevistas sensacionalistas aventando a hipótese de sua volta ao poder. Além disso, ainda segundo a mesma fonte, *O Jornal* não se identificava plenamente naquele momento com os pressupostos da UDN. Chateaubriand consideraria os udenistas como “um grupo de idealistas pouco afeito à consideração dos problemas econômicos, sociais e políticos da nação em sua realidade”.

Iniciado o segundo governo Vargas, entretanto, as divergências logo vieram à tona. Chateaubriand considerava impossível, tanto do ponto de vista econômico como financeiro e técnico, o ingresso do Brasil na exploração petrolífera sem auxílio externo. Através de *O Jornal*, eram recordados exemplos de países desenvolvidos, como o Canadá, que utilizavam o capital estrangeiro para desenvolver sua economia. Para Chateaubriand, os investimentos externos deveriam financiar não só a prospecção do petróleo, como também a construção de portos, ferrovias e rodovias.

Por fim, na última fase do governo Vargas, *O Jornal* já se encontrava alinhado nas fileiras da oposição. Por ocasião do atentado da Tonelero (5/8/1954), no qual foi ferido o líder oposicionista Carlos Lacerda e perdeu a vida o major-aviador Rubens Vaz, e do subsequente inquérito policial militar instaurado pela Aeronáutica na base aérea do Galeão, o periódico já se encontrava firmemente vinculado à UDN.

Após a morte de Vargas (24/8/1954), *O Jornal* apoiou o governo do vice-presidente João Café Filho, que se cercou de quadros udenistas. O periódico justificou esse apoio declarando que naquele momento “as forças democráticas não deveriam manter um clima divisionista”. Entretanto, quando o general Henrique Teixeira Lott, em 11 de novembro de 1955, depôs o presidente interino Carlos Luz para garantir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek, *O Jornal* mais uma vez se afastou da UDN e apoiou o movimento legalista.

Durante o governo Kubitschek, *O Jornal* assumiu atitudes contraditórias, apoiando apenas as medidas governamentais que considerava “de interesse nacional”. Nesse período, Assis Chateaubriand foi eleito senador pelo Maranhão na legenda do PSD e foi também embaixador do Brasil em Londres. A construção de Brasília foi vista por *O Jornal* ao mesmo tempo como possível deflagradora de um processo inflacionário e como “uma abertura para o oeste e um núcleo político e social no centro do país”.

No final do mandato de Juscelino, *O Jornal* apoiou a candidatura do marechal Henrique Lott à presidência da República, lançada pelo PTB. O candidato udenista Jânio Quadros era considerado portador de qualidades políticas negativas, evidenciadas durante sua gestão no governo de São Paulo.

As primeiras medidas do governo de Jânio Quadros foram recebidas com cautela por *O Jornal*. A política externa independente adotada e a condecoração concedida ao ministro

cubano Ernesto “Che” Guevara foram atacadas com veemência. Jânio estaria conduzindo o país a uma “ordem de preocupação internacional” incompatível com “nossas responsabilidades históricas no continente e no mundo”.

A renúncia de Jânio foi considerada como um “ato manhoso”, através do qual o ex-presidente estaria procurando ser reconduzido ao poder por um movimento popular. *O Jornal* entreviu na medida o primeiro passo para a instalação de um governo ditatorial e autoritário.

O Jornal defendeu em seguida a posse do vice-presidente João Goulart e opôs-se à adoção do parlamentarismo, regime que vigorou no país de setembro de 1961 a janeiro de 1963. A volta ao presidencialismo foi inteiramente apoiada pelo periódico.

Segundo Austregésilo de Ataíde, embora não houvesse hostilidade de *O Jornal* contra Goulart, à direção do órgão desagradava a “anarquia de esquerda” permitida pelo presidente, “um brinquedo na mão dos pelegos”. O periódico opôs-se violentamente às reformas de base propostas pelo Executivo e com o tempo passou a considerar o governo Goulart “corrosivo à ordem constitucional”.

Assim, *O Jornal* deu firme apoio ao movimento político-militar de março de 1964, recebendo com aplausos o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco na presidência da República. No final do governo Castelo Branco, entretanto, Chateaubriand desentendeu-se com o presidente. O proprietário dos Diários Associados havia promovido a campanha “Dê ouro para o bem do Brasil”, destinada a sanar os problemas financeiros da nação. O montante arrecadado permanecera sob custódia do governo. Em dado momento, Chateaubriand pediu ao presidente que lhe fosse entregue o resultado da campanha, para que pudesse realizar uma “obra de interesse nacional”. Castelo Branco recusou o pedido, passando a sofrer a oposição de *O Jornal*.

O Jornal apoiou os governos seguintes do marechal Artur da Costa e Silva e do general Emílio Médici, mas acabou por fechar suas portas em abril de 1974, em consequência das péssimas condições financeiras em que se encontrava, resultado da má administração dos últimos anos.

Carlos Eduardo Leal

FONTES: ENTREV. ATAÍDE, B.; *Jornal; Veja* (1/5/1974).